REFLEXÃO

DOMICÍLIO PREFERENCIAL DO CARBONO VERDE NO MUNDO



MARCELLO BRITO

Presidente do Conselho Diretor da Associação Brasileira do Agronegócio (ABAG)

O BRASIL tem praticamente tudo: água, floresta, diversidade de biomas, pessoas altamente capacitadas, inovação tecnológica de ponta, solo abundante e clima tropical. Nesse cenário, o agronegócio enfatiza o seu potencial de ser a solução para mitigar as emissões de gases do efeito estufa no País e, assim, contribuir com a desaceleração do processo de mudanças climáticas no mundo. Este é o nosso papel: sermos protagonistas na agenda agroambiental do Planeta.

O setor mostrou, ao longo desse período de pandemia, a sua força, resiliência e compromisso com a sociedade e a Nação. Ao decidir continuar o trabalho para levar alimentos e outros produtos necessários às populações locais e global, o campo, as indústrias, as atividades logísticas e de distribuição se reinventaram. Essa postura reforça a habilidade de toda a cadeia de produção – antes, durante e depois da porteira – de assumir a liderança do movimento agroambiental.

Contudo, para o Brasil chegar a esse objetivo, é importante que a agroindústria se mantenha unida, com o propósito de seguir firme no trabalho incansável de fornecer alimentos e produtos fundamentais para a vida, com conservação ambiental e desenvolvimento social e econômico. O agro não pode parar em momento algum.

Outro fator determinante será o diálogo mais coeso entre o setor privado, o Governo e a sociedade para modificar a atual imagem negativa do País no exterior. E essa ação começa dentro da nossa casa. Ou seja, é necessário mostrar que a biodiversidade tão característica do Brasil está ligada à atividade agrícola, uma vez que os produtores rurais têm buscado preservar os ecossistemas, as florestas, os recursos naturais, além de realizar a recuperação de solos em degradação, contribuindo para melhorar a fixação do carbono e o crescimento das plantações.

Por outro lado, o setor, de maneira uníssona, pode levantar-se para enfrentar a ameaça das invasões ilegais de propriedades e a grilagem de terras públicas na Amazônia, que resultam em desmatamento ilegal e queimadas. A região amazônica é muito mais do que apenas o grande ativo ambiental brasileiro; ela representa uma oportunidade de desenvolvimento econômico e social para as populações locais, nacionais e, até mesmo, mundial. É um bioma que fomenta as práticas ESG (sigla para *environmental, social and governance*), que ganham cada vez mais importância nos negócios e nos investimentos.

Nesse novo mundo, com a conservação ambiental no centro das discussões, o carbono passa a ser fundamental na transição para uma economia de baixo carbono. Por isso, o Brasil precisa ser estratégico, mantendo e desenvolvendo boas relações com países compradores e com os seus próprios concorrentes diretos.

Deste modo, a criação de uma agenda agroambiental consistente com um mercado de carbono verde bem estruturado mostrará ao mundo que o País poderá chegar à neutralidade até 2050. Com inteligência, isto é, embasado no desenvolvimento acadêmico, científico e tecnológico, nos profissionais, na implantação de boas práticas sustentáveis, na legislação e regulamentação robustas e na melhor política, podemos continuar na rota para recuperar o nosso prestígio histórico e a nossa imagem internacional.

Certamente, o Brasil é o domicílio preferencial do carbono verde do mundo. Mas a responsabilidade de colocar essa característica à vista parte justamente dessa interlocução afinada entre o agro, o Governo e a sociedade. ■

"...é necessário mostrar que a biodiversidade (...) do Brasil está ligada à atividade agrícola, uma vez que os produtores rurais têm buscado preservar os ecossistemas, as florestas, os recursos naturais, além de realizar a recuperação de solos em degradação, contribuindo para melhorar a fixação do carbono e o crescimento das plantações."